

LUGAR E IDENTIDADE NOS POEMAS *QUENTURA E RORAIMA* DE ELIAKIN RUFINO

Profa. Dra. Carla Monteiro de Souza (UFRR)

RESUMO:

Na contemporaneidade, os estudos amazônicos se voltam para a reflexão sobre sua rica diversidade social. Neste caminho, percebe-se que os estudos sobre as variadas formas como esta sociedade complexa se vê, se conta e se expressa buscam discutir as múltiplas relações e as múltiplas identidades de suas gentes. Por outro lado, esta visão esbarra em uma outra, ainda muito difundida no senso comum, segundo a qual a amazônia é vista como um todo homogêneo, que nubla as sensíveis diferenças existentes entre os grupos sociais, culturais e étnicos em cada um dos cantos desta imensidão territorial. Historicamente, esta visão da amazônia foi cunhada a partir de elementos que vão desde o *el dorado* mítico de carvajal até o *inferno verde* dos anos 1960/70, envelopadas hoje em dia pelo epíteto de *pulmão do mundo*, de *celeiro da biodiversidade*, que originaram uma noção de região e de regional totalizante e totalizadora. O objetivo deste trabalho é lançar um foco sobre esta discussão, por meio do cotejo de dois poemas do roraimense eliakin rufino: *quentura* e *roraima*, publicados na coletânea *cavalo selvagem* (2011). Em ambos, o autor se volta para cantar e contar o seu lugar de referência, individualizando-o e identificando-o, inclusive em relação à amazônia. Parte-se da discussão proposta pela geografia cultural, mais especificamente da noção de topofilia, para demonstrar a presença e a força poética que o lugar roraima tem nestas obras. Desta forma, busca-se evidenciar que estas obras, a exemplo de outras suas contemporâneas, também carregam em si uma força programática, cujo caráter político e cultural remete ao questionamento não só da visão totalizante e totalizadora acima apresentada, mas também ao questionamento da própria noção de região e de regional.

PALAVRAS-CHAVE: poesia; região; identidades

1 Introdução

Na contemporaneidade, observamos que os estudos amazônicos se voltam cada vez mais para a reflexão sobre a sua rica diversidade social. Neste caminho, percebemos como uma importante linha de força dos estudos na área das ciências humanas e sociais e na das letras a abordagem das variadas formas como esta sociedade complexa se vê, se conta e se expressa, iluminando as múltiplas relações e as múltiplas identidades de suas gentes. Junto a isso, uma outra tendência histórica destes estudos trabalha com as visões sobre a região produzidas a partir de agentes externos, destacando-se os estudos sobre e dos viajantes, cronistas, cientistas e intelectuais que de fora lançaram um olhar para a amazônia. Por outro lado, estas visões mais sistematizadas academicamente e referenciadas em reflexões mais consistentes, esbarram em muito casos em uma concepção da amazônia como todo homogêneo, visão esta também muito difundida no senso comum, que nubla as sensíveis diferenças existentes entre os grupos sociais, culturais e étnicos e que estão presentes em cada um dos cantos desta imensidão territorial.

Historicamente, esta visão totalizante e totalizadora da amazônia foi cunhada a partir de elementos que vêm se construindo desde o *el dorado* mítico de carvajal, em tempos coloniais, até o "*inferno verde*", dos anos 1960/70, envelopadas hoje em dia pelos epítetos de amazônia "pulmão do mundo", de "*celeiro da biodiversidade*". *Esta construção originou uma noção de região e do que é o regional amazônico eivada de representações e imagens englobantes, nas quais predominam a floresta e certos modos de vida.*

O objetivo deste trabalho é lançar um foco sobre esta discussão, por meio do cotejo de dois poemas do roraimense eliakin rufino: *quentura* e *roraima*, publicados na coletânea *cavalo selvagem* (2011). Em ambos, o autor se volta para cantar e contar o seu lugar de referência, roraima, individualizando-o e identificando-o, inclusive em relação à amazônia. Nossa abordagem analítica, parte da discussão proposta pela geografia cultural, mais especificamente da noção de topofilia, para demonstrar a presença e a força poética que o lugar roraima tem nestas obras. Desta forma, busca-se evidenciar que estas obras, a exemplo de outras do mesmo autor e de outros seus contemporâneos, também carregam em si uma força programática, cujo caráter político e cultural remete ao questionamento não só da visão totalizante e totalizadora acima apresentada, mas também ao questionamento da própria noção de região e de regional.

2 O autor e sua obra

Eliakin Rufino é poeta, músico, professor, filósofo e produtor cultural. Nasceu em 1956, em Boa Vista, capital do então Território Federal do Rio Branco, chamado Território Federal de Roraima em 1962. A não ser pelo tempo em que saiu para estudar, sempre viveu na cidade, onde desenvolveu sua trajetória artística, e de onde parte para realizar shows e apresentações em várias partes do Brasil e do exterior. Sua produção abrange oito álbuns: Trio Roraimera – Eliakin Rufino, Neuber Uchoa e Zeca Preto: Roraima (1992), Amazônia Legal (1997), Me toca (1998), O canto de Roraima e suas influências indígenas e caribenhas (2000), Eliakin em Porto Alegre ao vivo (2006), Mestiço (2008), Roraimera - O canto de Roraima - Projeto Pixinguinha (2009), Eliakin Diz (2011); e oito livros de poesia: Pássaros Ariscos (1984), Poemas (1987), Escola de Poesia (1990), Brincadeira (1991), Poeta de água doce (1993), Versão Poética do Estatuto da Criança e do Adolescente (1995), Poesia para ler na cama (1997), Poeta de Água Doce (1999) e a antologia *Cavalo Selvagem* (2011), além da participação em várias antologias e coletâneas. Observa-se que sua produção é constante e segue um caminho plural, como ele mesmo gosta de se classificar. Parte expressiva de seus poemas já se tornaram canções, musicados por ele mesmo ou por seus parceiros, mas, como ele mesmo diz, é "fundamentalmente um poeta (...) sou um poeta/letrista" (OVERMUNDO, 2006).

O poeta que se vê como "um homem plural", se justifica quando diz "além de escrever eu toco, canto, componho, leciono Filosofia, sou produtor cultural, jornalista". A poesia permeia a sua vida cotidiana, segundo ele mesmo conta escreve em qualquer lugar, "principalmente na cozinha", sem um método definido de produção: "não faço nenhum ritual para escrever, não recebo santo, não faço psicografia, não entro em transe". Em seu processo criativo deixa "que a poesia reine absoluta", inspirada por "uma coleção de musas" (2009). Suas influências literárias são plurais como ele: "*Bashô, Castro Alves, Kaváfis, Augusto dos Anjos, Paulo Leminski, Florbela Espanca, Gregório de Mattos,*

Drummond, Thiago de Mello e tantos outros, inclusive meus amigos poetas da Amazônia como Aníbal Beça, Carla Nobre, Gean Queiróz". Inspira-se naqueles que andam com ele todo tempo, que nunca para de ler, que atravessam o seu "mar existencial" (2009).

Sua trajetória artística está referenciada em grande parte no Movimento Roraimense, do qual foi um dos fundadores, no bojo do qual integrou o Trio Roraimense, juntamente com os também poetas e músicos Zeca Preto e Neuber Uchôa. Seu percurso pessoal, intelectual e artístico está profundamente ligado a este Movimento, que se iniciou em meados década de 1980, em Boa Vista/RR, e "aglutinou músicos, escritores, dançarinos, poetas, fotógrafos, entre outras expressões artísticas voltados para construção cultural de uma identidade o povo de Roraima, calcado, sobretudo, nos elementos da cultura e da paisagem natural existentes no estado" (OLIVEIRA, WANKLER, SOUZA, 2009, p. 28).

Rufino participou ativa e constantemente do Movimento, o que explica a sua postura de certa forma militante em relação à construção e às discussões sobre a cultura roraimense, o que o tornou uma espécie de ícone da cultura e da identidade regional. Neste sentido, Eliakin oferece aportes para pensar este tema. Segundo ele mesmo, Roraima é "uma sociedade plural e de fronteira", onde "vivem brasileiros de todas as partes do país e mais os estrangeiros da Venezuela e Guiana", "proximidade com o Caribe, a forte influência nordestina em Roraima, a marcante presença dos povos indígenas e a distância do resto do Brasil", explica o mote para "um movimento cultural que reconhecia e acomodava todas as diferenças e apontava para a diversidade e a pluralidade como a marca da nossa identidade", referindo-se ao Roraimense.

De lá pra cá, o poeta continua navegando em suas múltiplas identidades, elemento visível em sua criação poética. Rufino se coloca e se vê como "um cabocrioulo", isto é, "um caboco preto metido a índio" (). Se vê como fruto e desta confluência social, nem sempre harmônica, de gentes, de culturas, de etnias, que se dá em um canto do Brasil, que pode ser o fim ou começo do nosso território nacional, dependendo do ponto de referência. Mas fato é que este lugar plural e contraditório, complexo e fluído, por ser fronteira, marca a poesia e o ser do poeta.

3 O lugar Roraima

Roraima localiza-se no ponto extremo norte do Brasil, e é em sua área territorial que se encontra o nosso ponto setentrional extremo, o Monte Caburaí. A linha do Equador corta o estado ao sul, o que faz que parte significativa da área estadual esteja no hemisfério norte, inclusive a capital Boa Vista. Possui uma extensa fronteira internacional, com a República Bolivariana da Venezuela e a República Cooperativista da Guiana. Nesta tríplice fronteira confluem três línguas nacionais, português, espanhol e inglês, e várias línguas indígenas. Internamente, confina apenas com o Amazonas e o Pará.

Esta região, cortada de norte a sul pela bacia do rio Branco, foi município do Amazonas até 1943, quando passou a ser Território Federal do Rio Branco, passando a chamar-se, em 1962, Território Federal de Roraima, o qual foi transformado em estado em 1988 (OLIVEIRA, 2003). Localizado em uma região de poucas ligações com o restante do país, Roraima tem a menor população do Brasil, concentrada na capital, Boa Vista. Nos 15 municípios existentes na atualidade, convivem uma população formada por não índios, migrantes e seus descendentes, e indígenas de várias etnias, destacando-se os Macuxi, os Wapichana, os Ingaricó, os Wai-Wai, os Taurepang, os Waimiri-Atroari.

O perfil socioeconômico do estado aponta para uma economia baseada no serviço público e no setor de serviços, bem como em atividades rurais, como a pecuária, as lavouras de produtos alimentícios e a produção de subsistência (SEPLAN, 2010, 2011). Neste contexto, historicamente o poder público e as iniciativas e ações governamentais têm um forte papel, inclusive no que diz respeito ao povoamento e à ocupação socioeconômica, característica esta compartilhada com outros estados amazônicos.

Segundo Galcielle Harr de Souza, um conjunto de aspectos fisiográficos, humanos e sociais fazem de Roraima "um lugar *sui generis* no mundo". Seu relevo e vegetação possuem características variadas. Citando Júnior (1993), Souza afirma que "de todos os estados amazônicos, Roraima apresenta a maior variedade de fisionomias vegetais", devido à variação do regime de chuvas do sul para o norte do estado, ao seus diversificados perfis geológicos e às variações de altitude (2012, p. 15-17). Neste aspecto, Barbosa, Kleizer e Pinto informam que "os sistemas 'florestais' originais ocupam 81,42% de todo espaço físico de Roraima, enquanto que os 'não florestais' 17,78%", e estes se dividem em quatro grandes subgrupos, afirmando que estas "fitopaisagens" constroem um verdadeiro mosaico de vegetação do estado (2010, p. 353-354).

O seu principal rio é o Branco, que corre do norte para o sul para desaguar no rio Negro. Seus 1.300 km de extensão percorre 80% do estado, constituindo-se historicamente como a principal artéria de acesso e comunicação e como o principal eixo de penetração na região até a década de 1970 (SOUZA, 2012, p. 21). Barros afirma que "este rio foi tão importante no povoamento da 'guyana brasileira' (Roraima) que emprestou o seu nome ao Território Federal criado em 1943" (1995, p. 15), bem como marca o imaginário e as representações sobre o lugar.

A região das savanas e campos naturais (campinaranas) foi historicamente o lugar original de povoamento e até hoje segue sendo a área mais densamente povoada do estado. Já a área florestal, que recobre a parte centro-sul-sudeste, que teve um impulso demográfico na década de 1970, com abertura da rodovia BR174 (Manaus-Venezuela), e centro-oeste, que é pouco povoada por não índios, pois é onde se situa a terra indígena Yanomami. Souza, referenciando-se no geógrafo Nilson Barros, explica que "o valor das savanas/campos residiu no fato de que sendo as formas vegetais abertas e com leito de gramíneas (pasto natural)", que permitiu expansão da pecuária e a implantação de uma atividade econômica perene, ainda nos séculos XVIII e XIX, constituindo para esta área um vetor de atração de população constante. A área florestal, segue não atraindo imigrantes, senão mais recentemente por meio do estímulo dos projeto de colonização e assentamento (SOUZA, 2012; BARROS, 1995) na porção sudeste ao longo da BR210. As terras indígenas demarcadas, como a São Marcos e a Raposa Serra do Sol e a Yanomami, e as pretendidas ocupam grandes extensões territoriais, configurando-se como conquista da luta e da organização dos povos indígenas de Roraima, como espaços de afirmação da presença e da cultura indígena mas, também, como lugar de conflitos e de contradições políticas e culturais.

Roraima é também um lugar fronteiro, como apontado no primeiro parágrafo, que a configura como um lugar de diversidades, de encontros e desencontros, de polifonia cultural. Confina com dois países historicamente bem distintos, separados de nós por uma linha imaginária que demarca de forma indelével nossas diferenças culturais. Por outro lado, as várias etnias indígenas que ancestralmente habitam os três países ignoram, de certa forma, este limite político-administrativo, transitando pelos três países como sempre fizeram.

Esta breve configuração físico-territorial de Roraima nos ajuda a conhecer um pouco Roraima e a entender a influência e o fascínio que este “espaço multifacetado” exerce no imaginário artístico local, “constituindo-se em tema de um sem número de obras e de tópico de reflexão para a intelectualidade e para artistas de todas as áreas” (2012, p. 28), como constatou Souza em sua dissertação.

4 O poeta, seu lugar e seus poemas.

Os dois textos poéticos aqui cotejados integram a coletânea Cavalos Selvagens, organizada pelo escritor Tenório Telles. Na apresentação, Telles realça que Rufino, tal qual “um rapso papel no mundo” e que sua produção diz sobre “seu compromisso com sua terra e sua gente”, compromisso que se manifesta em “uma visão crítica”, afiliada e tributária da “tradição modernista”. O livro “é uma obra-síntese da produção literária de Eliakin Rufino”, pois reúne poemas representativos de várias fases, compondo-se de vários livros publicados pelo poeta e quase todos esgotados. Segundo Telles, o poema que dá título ao livro “é um tributo à liberdade, (...) uma declaração a favor da irrisignação e do desejo de ser livre” (2011, p. 11-15). Mas o poema título também se constitui como uma declaração de pertencimento e de vinculação ao lugar Roraima, a partir do momento que busca neste animal característico das savanas roraimenses (cavalos lavradeiros) a insígnia da liberdade, do inconformismo:

(...)

*cavalos soltos no pasto
velozs carreiros eu faço
lavrado todo atravesso
caminhos no campo eu traço
eu corro livre galope*

(...)

*eu sou rebelde alazão
sou personagem de lendas
sou conversa nas fazendas
sou filho livre do chão
eu sou cavalos selvagens
meu mundo é a imensidão*

Os poemas aqui trabalhados integram um repertório que canta o lugar, ao lado de outros que compõem o livro intitulado poeta de água doce, publicado em 1999. Neste volume, o poeta marca o seu lugar a partir de referências que o singularizam e que evocam a história, a geografia, as gentes, a natureza de Roraima. Os dois poemas escolhidos expõem elementos que especificam a região material e simbolicamente, ao enfatizar as características geográficas como marcadores de uma identidade regional.

Nesta seara, trazemos para o debate o aporte da geografia cultural, mais

especificamente, o pensamento de yi-fu tuan e sua geografia humanista. Brevemente, trazemos os esclarecimentos de holzer, quando explica que a perspectiva topofílica de tuan buscou “conceitos espaciais fossem mais adequados do que o de 'paisagem', utilizado usualmente pela geografia cultural”, visandpossibilitar “uma investigação com características mais subjetivas e antropocêntricas, além de adequar-se ao aporte filosófico fenomenológico, existencialista e estruturalista” (2003, p. 114).

Para definir lugar, tuan, como bom geógrafo, liga-o ao conceito de espaço. Assim, ao enfeixar um conjunto de noções – espaço, lugar, tempo, experiência – tuan constrói a ideia de topofilia, que seria, em síntese, o apego do indivíduo ao meio ambiente físico que habita. Souza explica que para o autor, “o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores”, sendo os lugares eles mesmos “núcleos de valor”, apreendidos e apropriados por meio “de uma experiência total”, que engloba “relações íntimas, próprias (*insider*) e relações externas (*outsider*)”. Para ele, portanto, “o espaço pode transformar-se em lugar, na medida em que se atribui a ele valor e significação”, constituído e compreendido pela experiência (2012, p. 31).

Nos textos poéticos aqui abordados lugar e espaço têm uma centralidade identificadora, como veremos em *quentura*:

a linha do equador
passa por cima da gente
e me faz assim
muito mais quente

o sol está mais perto
a luz é mais presente
a linha do equador
passa por dentro da gente

a linha do equador
é uma quentura no ventre
mormaço de amor
cobra na areia quente

estrada de calor
rio de fogo ardente
a linha do equador
é demais totalmente
(2011, p. 180)

A referência à posição geográfica peculiar de Roraima, tomada na sua relação federada com o Brasil, é o mote para elencar elementos definidores de uma certa identidade limítrofe. São hemisférios que confinam, o sul que define o Brasil e o norte que nos parece estranho, mas que na corda bamba da Linha do Equador configura um clima, uma vegetação, gentes, humores, culturas, fazeres e artes que só existem nesta porção do mundo.

O Equador corta o espaço, reservando para Roraima uma posição geográfica ambígua. Para o poeta, a linha imaginária que “passa por cima da gente”, define o calor que envolve tudo e todos, produzido pelo sol inclemente que incide diretamente sobre a região, que configura uma experiência sensorial e social ímpar: quente, afogueada,

exacerbada. Neste sentido, Tuan afirma que experienciar é aprender com a própria vivência, “significa também atuar sobre o dado e criar a partir dele”. Em suma, o que pode ser conhecido não é o dado, mas a realidade sobre ele, entendida como “um constructo da experiência” (1983, p. 10). Assim o poeta elabora sua relação com o lugar a partir de uma experiência de vida, de roraimense nascido e criado, por meio de versos rimados marcados por uma cadência na qual o seu lugar social se entrecruza com o seu lugar espacial, geográfico. Por outro lado, a “quentura” advinda do sol que está mais perto impregna o ser do poema, das gentes deste lugar, mas também outros elementos próprios do espaço, como a cobra e o rio.

Viver no limite da linha é uma experiência sensorial. Tuan explica que “órgãos sensoriais e experiências permitem aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais” (1983, p. 13), o que no poema se expressa por uma percepção, uma ação e uma interação – porque a linha passa “por dentro da gente” - que se faz entre homem e ambiente, mediadas por uma posição no mundo, no espaço geográfico da terra. Imaginária e material, o Equador é a Linha que “amarra” o sujeito ao seu lugar, que se expressa no poema por meio da palavra “quente”, eixo paradigmático que articula os elementos que compõem o espaço e o lugar Roraima, entendendo o que nos diz Tuan, que “o lugar é a segurança e o espaço é a liberdade”, considerando que estamos ligados ao lugar mas desejamos o espaço (1983, p. 3). A ideia de quentura, materializada no poema na palavra “quente”, dá significado e força ao vínculo que Rufino tem com o seu lugar, ela marca um pertencimento para ambos, sujeito e Roraima.

Roraima é o lugar de Rufino, um lugar peculiar pontilhado de paisagens e imagens que, mais do que o cartão postal, instituem uma natureza e um certo tipo de ação humana. Vejamos o poema homônimo.

RORAIMA

sou vento forte
na ponta da serra
luz de estrela
mais nova da terra
venho do tempo
da pedra pintada
jardim do sol
tesouro de macunaíma

eu sou roraima
sou uraricoera
paz e amor será
tudo que eu cantar

meu rio branco
meu céu todo azul
montes no norte
florestas no sul
todos os povos
num só coração
sou terra santa
sou terra da promessa
(2011, p. 193)

O espaço tornado lugar no poema Roraima, na primeira estrofe, refere-se à porção

nordeste, à região fronteira marcada pelas serras em forma de platô, lavrado varrido pelo vento forte e frio, habitada ancestralmente por indígenas de origem karibe e aruak, os quais, nos dias de hoje, reconquistaram seu direito à terra com a demarcação de duas grandes terras indígenas, a São Marcos e a Raposa Serra do Sol.

O poema expõe uma temporalidade e uma historicidade, a de uma história longa, que remonta à ocupação da região pelos povos indígenas – “venho do tempo/da pedra pintada” –, e também carrega o selo da contemporaneidade – “luz da estrela/mais nova da terra” –, já que Roraima foi instituída como estado federado em 1988. Para Tuan, “as pessoas diferem quanto à consciência de espaço e tempo e na maneira de elaborar um mundo espaço temporal” (1983, p. 133). Para o sujeito poemático, estes dois aspectos, a longevidade de sua ocupação humana e a atualidade de sua efetiva integração à federação definem, em primeiro plano, o lugar, bem como a percepção que tem do lugar, pois estes dois momentos o valorizam, singularizam e identificam.

Nas duas estrofes seguintes, retoma o tema da composição natural do espaço, ou ainda da paisagem natural, ao destacar dois grandes rios que correm unicamente no território estadual, já que o terceiro maior rio, o Tacutu, é compartilhado com a Guiana. Os dois rios são, a um só tempo, estradas que ligam o lavrado roraimense e as florestas, pois ambos atravessam os dois ecossistemas: o Uiraricoera, no sentido oeste/leste; e o Branco, no sentido norte/sul (BARBOSA, KLEIZER E PINTO, 2010), e símbolos que marcam a ocupação de Roraima. Na simbologia local validada no poema, o primeiro rio está associado ao lavrado, bem como a vida que corre em suas margens marcada pela presença dos não índios que vieram com a pecuária e pelas etnias indígenas de origem karibe e aruak, ainda que adentre à Terra Indígena Yanomami. Já o Branco, historicamente, é a estrada, a principal via de comunicação e transporte que articulou o extremo norte ocidental brasileiro ao centro do país, antes à metrópole portuguesa, depois ao Brasil, apesar da sazonalidade da navegação em alguns trechos. O rio Branco é o liame que nos faz brasileiros, que nos integra à Amazônia, já que é um dos formadores do grande rio Negro.

Assim, espaço, tempo e lugar alinhavam toda ideia que o poema projeta de e sobre Roraima. É a imagem desejada, uma imagem que se quer perenizada em elementos paisagísticos sólidos, a serra, os montes, os rios, o céu. Por outro lado, a visão mítica do lugar também o pereniza, pois neste plano, como afirma Tuan, “os pequenos mundos da experiência direta são bordejados por áreas muito mais amplas conhecidas indiretamente através de meios simbólicos” (1983, p. 99), visão esta tornada sua pelo sujeito poético, e traduzida no largo uso da primeira pessoa e de pronomes possessivos. Não obstante esta apropriação tão enfática do lugar, a ideia do compartilhamento, do coletivo e da convivência do diverso é pontuada nos versos “todos os povos/num só coração”, projetando a relação harmônica que o sujeito desfruta com o lugar para além de si, alçando-a a característica social, advinda de uma certa história de ocupação, por certo, mas também por uma aura mítica, melhor dizendo, por uma mitificação do espaço e do lugar: “sou terra santa/sou terra da promessa”. Esta ideia/imagem é o fecho do poema, no qual o sujeito fala do lugar Roraima e por ele e, ainda, de si mesmo, isto é, dos significados que o lugar em sua experiência.

Conclusões

Voltando a ideia de que Roraima é “um lugar sui generis no mundo”, trazida por Glacielle Souza, entende-se que se esta não é uma visão unânime, os dois poemas quer que

seja. Os vínculos, a experiência/percepção e a proximidade umbilical que sujeito comunica ao falar de Roraima emprestam legitimidade para empreender tal tarefa, ele tem intimidade com lugar, se confunde com ele, pois Roraima é para o sujeito um “lugar íntimo”, o qual de acordo com Tuan, pode ser o lar, a cidade natal, a casa, o bairro, enfim aquele onde encontramos carinho e a satisfação para nossas necessidades, aquele que ao ser lembrado produz satisfação (1983, p. 152-161), que gera apego, afinidade, afeição.

Assim, nos dois poemas de Rufino o lugar é perene, a partir da apropriação de um espaço geográfico e social, de uma paisagem produto da ação e da interação humana e, principalmente, do apego que o sujeito poético expressa por Roraima. Neste espaço impera a diversidade e a multiplicidade de paisagens, de gentes, de relações sociais, que nos poemas anseiam por uma harmonia, inalcançável sabemos nós e sabe o poeta, o qual no entanto segue fiel ao norte programático e identitário do Movimento Roraimeira. Por meio de imagens sólidas, de certa forma homogeneizadoras, o sujeito busca representar-se a si mesmo ao representar o lugar que é seu.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, R. I.; KLEIZER, E.; PINTO, F. *ECOSSISTEMAS TERRESTRES DE RORAIMA: ÁREA DE MODELAGEM ESPACIAL DA BIOMASSA*. IN: BARBOSA, R. I.; FERREIRA, V. *RORAIMA: HOMEM, AMBIENTE E ECOLOGIA*. BOA VISTA: FEMACT, 2010.

BARROS, N.C.C.. *Roraima: paisagens e tempo na Amazônia setentrional*. Recife: Editora Universitária (UFPE), 1995.

Entrevista concedida à Gilvan Costa, 30/05/2006. Disponível:

<http://www.overmundo.com.br/overblog/eliakin-50-voltas-ao-redor-do-sol>

Entrevista concedida à Selmo Vasconcelos, 30/03/2009. Disponível:

<http://antologiamomentoliterocultural.blogspot.com.br>

OLIVEIRA, R. G. *A herança dos descaminhos na formação do estado de Roraima*. 2003. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANKLER Cátia Monteiro e SOUZA, Carla Monteiro de. *Identidade e Poesia Musicada: Panorama do Movimento Roraimeira a Partir da Cidade de Boa Vista como uma das Fontes de Inspiração*. *Revista Acta Geográfica*, Boa Vista-RR, ano III, n°6, p.27-37, jul./dez. De 2009.

RUFINO, Eliakin. *Cavalo Selvagem*. Organização e apresentação: Tenório Telles. Manaus: Valer, 2011.

SOUZA, Glacielle Harr de. *Lugar e identidades em Ben Charles e Neuber Uchöa*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras), Centro de Comunicação Letras e Artes, Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2012.

WANKLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro de; OLIVEIRA, Rafael da Silva e SOUZA, Glaciele Haar de. *Paisagem e identidade na poesia de Roraima das décadas de 1980 e 1990*. MOTA, Sheila da Costa; Bispo, Raquel Alves Ishii; NASCIMENTO, Francemilda Lopes do (Orgs.). *Linguagens e identidades da/na Amazônia Sul-Ocidental - 3 /*. Rio Branco: EDUFAC, 2010.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB

ISSN 2317-157X